



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita às obras da Ferrovia Norte-Sul

Anápolis-GO, 13 de agosto de 2009

Vou ter que mudar meu nome outra vez. Eu quero... Luiz Inácio Lula Brasileiro Goiano Anapoletto da Silva.

Eu quero cumprimentar o companheiro Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás,

Quero cumprimentar os meus companheiros ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; Marcio Fortes, das Cidades; e Henrique Meirelles, presidente do Banco Central,

Quero cumprimentar os companheiros deputados Chico Abreu, Pedro Wilson e Rubens Otoni,

Quero cumprimentar o Ademir Menezes, vice-governador de Goiás,

O nosso querido prefeito Antônio Gomide, prefeito de Anápolis,

Quero cumprimentar o Sirio Miguel Rosa da Silva, presidente da Câmara Municipal de Anápolis,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Iris Rezende, prefeito de Goiânia,

Quero cumprimentar o João Gomes, vice-prefeito de Anápolis,

Quero cumprimentar o nosso querido Juquinha, da Valec,

Quero cumprimentar o pessoal do hip hop, que está aí,

Quero cumprimentar o Marcos de Queiroz Galvão, presidente da Queiroz Galvão,

E quero cumprimentar o Adolfo Pedro da Silva Filho, que é aquele senhor que está lá atrás, representante dos trabalhadores que estão fazendo esta obra aqui em Anápolis.



Ditas essas palavras, eu vou ser o mais breve possível, porque estou vendo um são-paulino aqui na minha frente, que poderia estar vestido com a camisa do Corinthians aqui. Ele está com a camisa do São Paulo. Vocês todos... Não, eu vou sair daqui na expectativa de que o time de Anápolis ou o time de Goiás tenha um centroavante para emprestar para o Corinthians, porque depois que o Ronaldão fez lipo ele vai demorar um pouco para jogar.

Vocês todos, sobretudo o pessoal do interior, desde pequeno a gente ouve dizer que quem engorda o porco é o olho do dono. E é exatamente por isso que a gente vem fazer visita às obras que nós estamos concluindo. Muitas vezes, o governo federal tem o dinheiro, o governo estadual tem o dinheiro, a gente faz o projeto, a gente faz a licitação, a gente dá ordem de serviço, e quando a gente pensa que a obra está para inaugurar, a obra nem começou. E por que acontece isso? É importante dizer para as pessoas mais humildes o que acontece, porque muitas vezes a gente não recebe as informações adequadas.

Um projeto como este, que foi anunciado em 1987, pelo presidente Sarney: a construção da Ferrovia Norte-Sul. Na verdade, do anúncio da obra até nós chegarmos ao governo... Portanto, nós tivemos o mandato do presidente Sarney, o mandato do presidente Collor, o mandato do presidente Itamar Franco, oito anos de Fernando Henrique Cardoso. E quando eu cheguei, imaginando que esta ferrovia já estaria pronta, ela só tinha 215 quilômetros prontos.

Pois bem, nós tínhamos clareza de que esta região central do Brasil, que há 40 anos atrás se pensava que a terra era ruim e não prestava para plantar nada, porque também por falta de informação, quando a gente chegava em um lugar que tinha uma árvore toda torta, a gente dizia que a árvore era torta porque a terra não prestava. Não é isso? Ora, somente há uns 30, 40 atrás, mais ou menos na década de 60, no final da década de 60, é que aqui especialistas estrangeiros contratados, mais especialistas brasileiros e,



sobretudo, alguns especialistas japoneses, é que vieram para cá para fazer um estudo sobre o cerrado brasileiro. Depois de fazer todo o estudo da terra, preparar a terra, cuidar da terra e começarem a plantar, o que nós descobrimos? É que a terra do cerrado se transformou em uma das terras mais produtivas do mundo e, certamente, uma das mais produtivas do Brasil.

Então, essa região cresceu de forma extraordinária. Cresceu e vai crescer muito mais. Mas, para levar os produtos produzidos no estado de Goiás ao Mato Grosso, ao Mato Grosso do Sul e em outras partes, até chegando ao estado do Tocantins, para fazer a produção daqui chegar a um porto – seja Santos, seja o porto de Itaqui, no Maranhão, seja qualquer outro porto – via caminhão, faz com que os produtos produzidos aqui não sejam tão competitivos quanto outros produtos produzidos em outras partes do Brasil mais próximas dos portos. Então, para que esta região continue a ser uma região altamente produtiva, a ser uma região que possa continuar crescendo de forma extraordinária, nós precisamos fazer com que o transporte seja uma vantagem para quem quiser investir no estado de Goiás.

É por isso que nós tomamos a atitude de começar a fazer, para valer, a Ferrovia Norte-Sul. A primeira coisa que o Juquinha deveria ter falado aqui é que não falta dinheiro para a Ferrovia Norte-Sul, não falta dinheiro. O que acontece? Nós temos alguns trechos da Ferrovia Norte-Sul que já foram contratados, que já tinha empresa fazendo e, de repente, o Tribunal de Contas achou que tinha algo errado e mandou paralisar a obra. Aí, a obra fica paralisada, o Juquinha precisa fazer cinquenta viagens a Brasília, ao Tribunal de Contas, para convencer os ministros do Tribunal de Contas que o projeto está certo e o preço está certo. Ora, mesmo que tivesse alguma coisa errada, não é justo mandar parar uma obra, não é justo. Ora, que se abra um processo, que se faça denúncia, mas a obra parada vai custar muito mais caro ao País, ela vai custar muito mais caro ao povo do País.

Pois bem, nós, então, resolvemos terminar a Ferrovia Norte-Sul. Mas se



ela parasse em Anápolis, seria você ligar apenas uma parte do Brasil. Ora, como o grande mercado consumidor que nós temos é o estado de São Paulo e o grande porto brasileiro ainda é o porto de Santos, isso fez com que nós decidíssemos fazer a ligação da Norte-Sul até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para ligar com a Ferronorte – é isso? –, para ligar com a Ferronorte, e para fazer com que a gente possa sair do porto de Santos e chegar ao porto de Itaqui, no Maranhão.

Mas nós não paramos por aí. Nós resolvemos fazer uma outra ferrovia para poder ajudar mais a produção deste país. Nós assumimos o compromisso – e este ano deveremos começar já a terraplanagem – de fazer uma ferrovia do porto de Ilhéus, na Bahia, até Alvorada, em Tocantins, para que a gente possa ligar todo o Nordeste à Ferrovia Norte-Sul. Aí, quem produzir aqui vai ter o porto de Ilhéus, vai ter o porto de Santos, vai ter o porto de Itaqui e vai ter outras oportunidades de fazer com que os produtos produzidos no estado de Goiás possam chegar ao Brasil com mais segurança, com preço de transporte mais barato. Portanto, quem produzir vai ganhar um pouco mais.

Eu vim aqui exatamente para ver este túnel, porque este túnel, embora seja de apenas 360 metros, é uma das peças mais importantes da Ferrovia, porque ela passa dentro da cidade, e dentro da cidade nós não podemos fazer a Ferrovia causar qualquer perigo de vida a qualquer pessoa desta região ou a qualquer pessoa deste país. Por isso, este túnel está sendo visitado por mim, porque é uma obra pequena – são apenas 11 quilômetros, ou seja, todo o entorno aí, 11 quilômetros – é uma coisa que vai custar por volta de R\$ 89 [milhões] a R\$ 100 milhões e 80% da obra está pronta. Do jeito que está ali agora, falta colocar o piso, o concreto, colocar os trilhos para, daqui a pouco, a gente fazer uma viagem de trem passando por baixo deste túnel e do outro túnel que está sendo feito aí.

Bem, esta é a razão da minha visita a Anápolis. Mas o Prefeito me fez pegar o avião e sobrevoar, de helicóptero, algumas coisas importantes que



estão acontecendo: as casas que nós estamos fazendo em parceria com a Prefeitura... Mas o que me deixou mais alegre não é nem a Ferrovia. O que me deixou mais alegre foi passar na construção do Instituto Federal Tecnológico, ou seja, a nossa escola técnica profissional para formar a nossa juventude, para permitir que os nossos filhos tenham a oportunidade de estudar uma bela profissão e virarem cidadãos.

E quando eu falo “estudar uma bela profissão”, eu quero dar o meu testemunho de vida. Eu cheguei onde cheguei porque eu tenho uma profissão. Essa profissão me levou para um fábrica importante, essa fábrica importante me levou para um sindicato, e do sindicato eu entrei na política e virei presidente da República.

A diferença é a seguinte: desde 1909, prestem atenção nesse número: desde 1909 a 2003, durante um século, todos os governantes que passaram pelo Brasil, desde a Proclamação da República, fizeram no Brasil 140 escolas técnicas, desde a Proclamação da República... A primeira foi feita em 1909 pelo presidente Nilo Peçanha. Nós, em oito anos, vamos fazer uma vez e meia tudo o que foi feito em um século. Nós vamos entregar 214 escolas técnicas profissionais neste País. Ora, porque nós sabemos o valor de uma mulher com uma profissão, nós sabemos o valor de uma mulher que não depende do salário do marido para comprar uma meia, para comprar um chinelo, e nós sabemos o valor que tem um homem quando vai procurar emprego e perguntam para ele: “o que você sabe fazer?” Ele fala: “eu sei fazer isso, eu tenho tal profissão, eu sou técnico em alguma coisa”. Certamente, ele é tratado como cidadão, fazem o currículo dele e às vezes até mandam chamar ele em casa. O coitado que não tem profissão, não fazem currículo, e só falam para ele: “não tem vaga”. E ele volta com a carteirinha no bolso da bunda, chorando, para ver se tem sorte no dia seguinte.

Então, o investimento em Educação é a nossa prioridade porque significa a independência da nossa juventude, e também para as mães terem



sossego, porque a molecada hoje termina o colegial, não tem profissão, vai procurar emprego na loja, ninguém dá porque ele diz que não tem – nunca trabalhou – não tem experiência, e essa criança, seja menino ou menina, fica no desespero. Por isso, essa escola técnica, para mim, é uma paixão. É uma coisa que me emociona porque eu quero que os filhos das pessoas deste país tenham o que eu não pude ter quando eu tinha a idade de vocês, 16, 17, 18 ou 19 anos. Eu quero que vocês tenham a certeza e a esperança que eu não tive quando eu tinha a minha juventude toda para estudar.

A terceira coisa importante, meus companheiros, é que nós só estamos fazendo isso porque a nossa economia está bem. Faz quanto tempo que vocês não ouvem falar em inflação? Faz quanto tempo? Faz quanto tempo? Eu não estou vendo nenhuma faixa aí dizendo “Fora FMI”, eu não estou vendo. Sabem por quê? Porque hoje a inflação está controlada. Nesse instante nós temos a menor taxa de juros da história do Brasil, a menor taxa de juros da história do Brasil, e de juros reais. Eu era deputado constituinte, Alcides, e a gente colocou na Constituição 12% de juros reais. Era o que a gente queria. Hoje o juro real quanto está, Meirelles, 4,5%? Quatro e meio por cento.

Eu vou dar um dado para vocês. Quando eu assumi a Presidência do Brasil, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito, para o Brasil inteiro. Hoje, somente o Banco do Brasil tem de crédito a mesma quantidade que o Brasil tinha em 2003. O Banco sozinho tem. Quando nós criamos o crédito consignado, que era para emprestar dinheiro para pobre, para o trabalhador que, às vezes, não conseguia nem entrar no banco, diziam que ia ser um fracasso. Sabem quanto de dinheiro está emprestado, já, pelo Banco do Brasil, Caixa Econômica e outros bancos? R\$ 90 bilhões no crédito consignado.

Quando a gente lançou o programa Luz para Todos, vocês estão lembrados? O pessoal dizia... Eu não sei quantas ligações foram feitas em Goiás, mas eu vou dizer para vocês o seguinte: quando a gente liga a luz em uma casa, lá no meio do mato, somente quem viveu à base de um candeeiro



sabe o que é isso. Ora, quando a gente liga uma luz lá fora, não é apenas uma luz. Depois da luz vem a televisão, vem a geladeira, vem o liquidificador, vem a máquina de fazer farinha, vem qualquer outra coisa. Pois bem, nós já ligamos 2 milhões e 20 mil casas neste país. Sabem o que isso significou para a economia brasileira? As pessoas já compraram, de todas as famílias que receberam o Luz para Todos, 1 milhão e 578 mil televisores, 1 milhão e 420 mil geladeiras, e 880 mil aparelhos de som. Significa que o pessoal gosta de ouvir Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano, Lula e Alcides. Quando eu terminar a minha campanha... quando eu terminar o meu mandato eu vou cantar, e vou fazer o primeiro show aqui em Anápolis.

Bem, companheiros e companheiras, eu queria terminar dizendo o seguinte: eu vou sair daqui e vou para Goiânia. Em Goiânia, nós vamos anunciar o investimento de 50 mil casas para o estado de Goiás. Dessas 50 mil casas, 27 mil casas são financiadas pelo programa “Minha Casa, Minha Vida”, e 23 mil são financiadas pelo governador do estado. São 50 mil casas. Esta cidade aqui, pelo tamanho dela – se não me falha a memória –, deve receber umas 3 ou 5 mil casas a mais. Agora, é o seguinte: essas casas têm uma prioridade para as pessoas que ganham de zero a três salários mínimos, depois de três a seis, depois, uma parte, de seis a dez. Qual é o problema? Nós temos o dinheiro, nós temos gente que precisa da casa e nós, agora, precisamos torcer para que os empresários brasileiros se preparem para fazer uma quantidade de casas, em dois anos, que a gente não fez nos últimos seis ou sete anos no Brasil.

Este país finalmente aprendeu a gostar de si mesmo, a se respeitar, e este país não tinha dado certo porque muita gente, muita gente, na hora de escolher um candidato fica imaginando que se esse candidato tiver 30 diplomas ele vai ser um grande governador, um grande prefeito, um grande deputado, um grande senador, um grande presidente. Muita lorota! O que marca...



Eu espero que a minha passagem pela Presidência sirva para que o povo brasileiro aprenda que a gente mede um presidente da República, um prefeito e um governador não é pelo discurso, é pelo caráter; não é pelo discurso, é pelo compromisso que ele tem com as pessoas. Se um presidente da República não tiver coração para chorar com a dor do seu povo, para rir com a alegria do seu povo, se for aquela figura que parece um boneco, ou seja, que está sempre com a mesma cara, não tem emoção, não tem sentimento, não sabe o que é o desemprego, não sabe o que é a fome, não sabe por que neste país não colocaram mais jovens nas universidades, desses caras nós já aprendemos uma lição. Agora, o que nós precisamos é colocar no governo alguém que tenha o sangue da gente, o sentimento da gente, para fazer as coisas que a gente precisa.

Eu quero dizer para vocês, quero dizer para vocês: eu sou um homem que tenho muito respeito pelo Meirelles. O Meirelles não era do meu partido. Eu conheci o Meirelles, Iris, sabe por quê? Ele me foi levado lá pelo Pedro Wilson, ele ainda era presidente do Banco de Boston. Aí, o Pedro Wilson me liga e fala o seguinte: “Ô Lula” – eu não era presidente – “ô Lula, eu tenho um amigo meu que quer te conhecer”. Eu falei: Traga aqui. Ele levou o Meirelles. Aí chegou lá e falou: “Olha, ele é banqueiro, é lá do Banco de Boston, mas é de Anápolis também, goianense, e estudou comigo na escola”. Na escola primária, não foi isso? No ginásio. Estudaram juntos no Liceu. Aí eu fiz amizade com o Meirelles, nunca mais vi o Meirelles, ele foi embora para o Banco de Boston. Depois me perguntou se deveria entrar na política, eu disse que não. Aí, daqui a pouco, ele aparece como deputado federal pelo PSDB. Eu falei: filho da mãe. Por que veio aqui perguntar para mim o que deveria fazer, se depois foi para os tucanos, e nem pediu para mim para ir...

Acontece que quando eu ganhei as eleições, eu precisava de alguém competente no Banco Central. E ali a gente não pode colocar meio-oficial, ali a gente não pode colocar aprendiz. Ali, ou sabe ou não sabe. Eu fui a



Washington conversar com o Meirelles. Conversei com o Meirelles e o Meirelles aceitou abrir mão do seu mandato de deputado federal do PSDB para ir trabalhar em um governo em que ele não conhecia quase absolutamente ninguém e tinha tido apenas uma reunião comigo. Vocês, muitas vezes já ouviram pessoas falar mal do Meirelles porque os juro estavam altos, porque os juro estavam não sei das quantas. Eu quero dizer ao povo de Anápolis que eu sou agradecido e devo a este companheiro e à equipe econômica do governo a estabilidade econômica e o respeito que o Brasil tem hoje no mundo.

Antigamente... o Meirelles sabe disso porque foi presidente do Banco de Boston. Antigamente, um presidente da República, Pinheiro, chegava em uma reunião em Nova Iorque com outro presidente, ele era tratado como se fosse um cidadão de terceira categoria, ninguém nem dava bola. Agora, não. Agora, quando um presidente da República do Brasil chega em qualquer país do mundo, ele é tratado com o mesmo respeito que nós tratamos eles. Eu aprendi na minha vida sindical, no enfrentamento cotidiano pelas lutas salariais que nenhum ser humano respeita um outro ser humano que não se respeita. A condição básica para as pessoas respeitarem a gente é, em primeiro lugar, a gente se respeitar, a gente gostar da gente mesmo e a gente amar aquilo que a gente faz.

O povo brasileiro, o povo brasileiro, como foi colonizado durante muito tempo, o povo brasileiro tinha a mania de achar que ele era inferior. Tudo que era estrangeiro era melhor do que o brasileiro. Para mim pode ter igual, mas não tem nada melhor do que ser brasileiro, não tem nada mais digno do que a gente gostar da gente mesmo.

Por isso, meus companheiros, eu estou falando agora e, certamente, em dezembro nós vamos ter que vir inaugurar escola porque em janeiro tem que começar as aulas e eu quero muita gente aqui de 16, 17 anos, matriculada nesta escola, para amanhã virarem grandes profissionais. Depois nós vamos inaugurar o contorno que está sendo feito, depois nós vamos inaugurar mais



não sei o que lá. Depois, o prefeito disse que nós vamos inaugurar as casas. De forma que eu queria dizer para vocês: podem ter certeza de que eu ainda vou torrar a paciência de vocês pelo menos mais três vezes, antes de terminar o meu mandato.

Um abraço, companheiros, e boa sorte para todo o povo de Anápolis.

(\$211A)